



## UMA HISTÓRIA E MUITAS VIDAS

Tião Rocha<sup>1</sup>

– *Eu sou sobrinho de uma rainha.*

– Verdade, podem acreditar! Aliás, este era um dos meus maiores orgulhos quando criança: ter uma tia rainha, de carne e osso. Tia Gorda era o seu apelido. Maria Hilarina Rocha de Jesus, seu nome!

Aos 7 anos de idade, entrei pela primeira vez em uma escola em Belo Horizonte. No primeiro dia, a professora abriu o livro “*As mais belas histórias*” e começou a ler, pausadamente:

– *"Era uma vez um lugar muito distante, onde moravam um rei e uma rainha..."*

Eu, já me encantando com o que ouvia, a interrompi:

– *Professora, eu tenho uma tia que é rainha!*

Ao que ela me respondeu:

– *Está bem, fique quietinho e escute. Isto é uma história da carochinha, um conto de fadas. Não existem esses reis e rainhas.*

E continuou sua leitura. Todas as vezes que ela mencionava o rei ou a rainha, eu a interrompia:

– *...eu tenho uma tia que é rainha, de verdade!*

Após a quinta tentativa de intervenção, a professora me mandou um “*cala a boca*”.

Ao final do meu primeiro dia de aula, fui encaminhado à sala da diretora.

– *Vai querer sair da escola logo no primeiro dia. Volta pra sala e preste atenção na aula, senão chamo sua mãe e mando ela te levar pra outra escola*”, foram suas palavras.

Nunca mais, durante todo o curso primário, falei sobre este assunto. Talvez ele não fosse mesmo importante.

Quando fui para o ginásio, para o meu azar, a minha primeira aula foi de História do Brasil.

– *Vamos iniciar nosso curso estudando o descobrimento do Brasil...Os reis portugueses...*, iniciou o professor para explicar as conquistas ibéricas.

E eu, mais uma vez, inocentemente, disse:

– *Professor, eu tive uma tia que foi rainha...*

Ao que ele, prontamente me retrucou:

– *Pronto, primeiro dia de aula e já tem um engraçadinho aqui...Cala essa boca, deixa de bobagem e presta atenção na aula. Estou falando de reis e rainhas, pessoas importantes; aqui no Brasil nunca teve isso. Você não pode ser de família real, olha seu nome, olha a sua cor...*

---

<sup>1</sup> Tião Rocha é antropólogo (por formação acadêmica), educador popular (por opção política), folclorista (por necessidade), mineiro (por sorte) e atleticano (por sina). Fundador e presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD, organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 1984, em Belo Horizonte/MG

Fui, mais uma vez, motivo de gozação por parte dos colegas. Comecei a pensar que eu talvez tivesse sido enganado por minha família. Ou não poderia ser descendente de rainha nenhuma, ou aquilo não tinha a mínima importância para ninguém. Nunca mais tive coragem de falar sobre isto.

Ao final do segundo grau, fui morar em Ouro Preto e, um dia, lendo *Ao Deus Desconhecido*, de John Steinbeck, comecei a observar a construção da cidade e pensar sobre as muitas paredes e muros de pedras que estavam à minha volta.

– *Foram feitos por quem? por que? como? quando?*

Descobri naquele instante que não podia responder a estas e tantas outras questões, simplesmente porque não conhecia a história dessa gente...

– *E essa gente não seria a mesma da qual eu me originara?*

Foi naqueles dias que resolvi cursar História. Voltei para Belo Horizonte e entrei para a Universidade. Durante 4 anos estudei a vida e a trajetória de reis, rainhas e personagens de tudo quanto foi lado. Nunca tive uma aula sequer sobre a minha tia.

– *Onde poderia eu estudar as minhas origens?*

Resolvi partir para a Antropologia. Quem sabe ali encontraria minhas respostas. Devorei livros e bibliotecas, garimpei cidades e campos. Conheci todo tipo de gente, nos livros, nas ruas e nas roças. Virei um andarilho atrás dos filões de minha cultura.

A minha caminhada, como era de se esperar, levou-me para os lados da Educação. A universidade queria que eu fosse professor. Fui e, sem modéstia, competente. Mas isso não me bastava. Eu queria ir mais fundo. Queria ser educador. Aí veio o meu conflito com a Academia. “Ela” queria que eu fosse professor. E “eu” teimava em ser educador. Não se tratava de um jogo de palavras. Queria uma universidade que buscasse a aprendizagem e não apenas a “ensinagem”. Perdi! E me demiti!

Juntei um grupo de amigos e fundamos, em 1984, o *Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento*.

O CPCD já tem 25 anos de aprendizagem e hoje abriga uma série de sonhos e anseios, teimosias e utopias, e companheiros de empreitadas no campo da educação de qualidade e do desenvolvimento sustentado, a partir da cultura.

Já ia me esquecendo! Minha tia Gorda foi *Rainha Perpétua do Congado*. E todos os anos - de agosto a outubro - ela, trajada com manto, coroa e cetro reais, era homenageada com danças e embaixadas pelos Moçambiques, Congos, Marujos, Vilões, Catopês e Caboclinhos. E saía em alegres cortejos pelas ruas protegida por um pátio, acompanhando as guardas e louvando Nossa Senhora do Rosário, santa branca, patrona das irmandades negras e católicas que construíram as Minas Gerais.

Eu tinha orgulho de tê-la como tia - e como rainha - mas, infelizmente, nunca pude mencioná-la ou estudá-la na escola. Pena, pois mereceria, junto com muitos outros reis e outras rainhas, um capítulo especial na construção da história do povo brasileiro.

Nossa missão no CPCD é colocar o que aprendemos a serviço de crianças e jovens, para que estes não percam, prematuramente, sua realeza e dinastia, sua auto-estima e sua história.

Bem, destino ou não, acredito que essa trajetória pessoal foi determinante para o que faço hoje.

Tornei-me educador popular, por opção política, porque acredito que esta é a minha maneira de contribuir - sob forma de práticas educativas inovadoras e desafiadoras - para a transformação social do país e fazer de sua cultura e identidade, instrumentos de seu desenvolvimento e a matéria-prima de sua cidadania.

Esta é apenas uma história repleta de muitas vidas. Mais histórias e “causos” estão no [www.cpcd.org.br](http://www.cpcd.org.br)